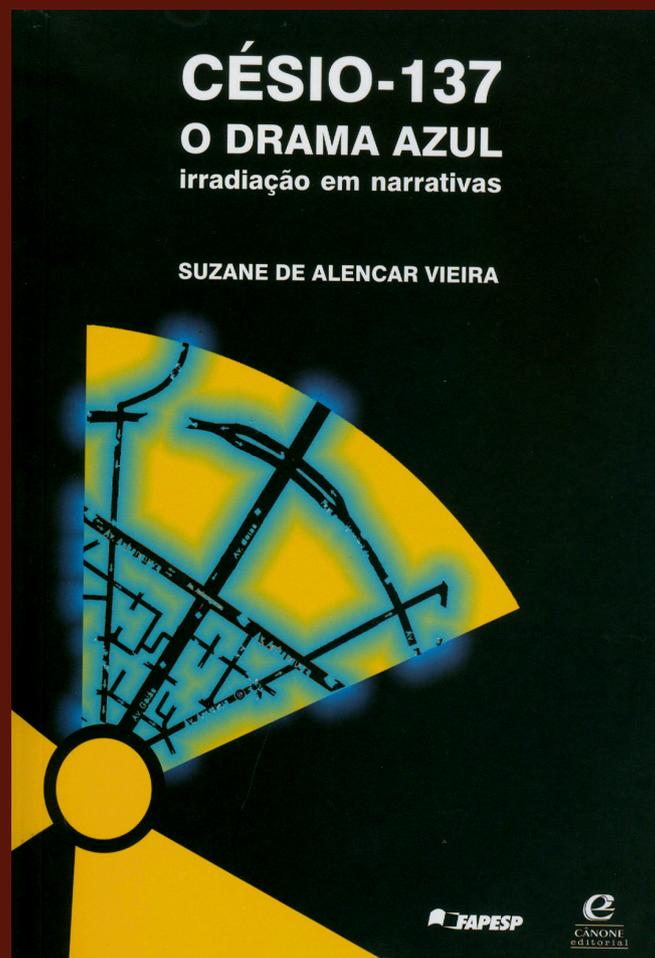


Dos “tempos do Césio”: memória coletiva de um evento crítico

*Of the “Caesium times”: the collective
memory of a critical event*

Marcio da Silva Queiroz*
marcio.queiroz@usp.br



Referência da obra
resenhada:

VIEIRA, Suzane de
Alencar. *Césio-137,
o drama azul:
irradiação em
narrativas*. Goiânia:
Cânone Editorial,
2014. 194p.

*Possui graduação em
Gestão de Políticas Públi-
cas (2013) e em Engenha-
ria Ambiental (2008) pela
Universidade de São Paulo
(USP). Atualmente ocupa o
cargo de Especialista Ambien-
tal II no Governo do
Estado de São Paulo, lota-
do na Secretaria de Saneam-
ento e Recursos Hídricos
(SSRH).

Uma narrativa sobre narrativas. Em *Césio-137, o drama azul: irradiação em narrativas*, a antropóloga Suzane de Alencar Vieira apresenta sua etnografia sobre o evento radiológico ambientado na capital goiana, cujo início data de 1987 e se prolonga até a atualidade por meio de um drama. Fruto de sua dissertação de mestrado, a obra analisa a dinâmica conformada por narrativas de ampla circulação, presentes em livros, filmes, textos acadêmicos, trabalhos de artistas plásticos, fotografias e em relatos das vítimas coletados pela autora.

Marco inicial recorrente nas narrativas analisadas, a retirada da cápsula de Césio-137 de uma edificação abandonada, na qual funcionara o Instituto Goiano de Radiologia (IGR), se desdobra em uma trama que envolve diversos personagens, substâncias e instituições. Entretanto, na descrição do evento que abre o livro, a autora opta por iniciar a narrativa de outro ponto: o acordo celebrado para que o instituto utilizasse o terreno, cujo conflituoso rompimento posterior possibilitaria a ocorrência do drama.

Essa opção elucidada não somente as

variações possíveis na construção das narrativas sobre o caso, mas destaca o próprio trabalho etnográfico enquanto uma composição narrativa, se inserindo em um circuito fundamentado por um drama. Referenciada no modelo do drama social apresentado pelo antropólogo britânico Victor Turner (1974), Suzane Vieira identifica o drama como uma forma e uma temporalidade específica, não se constituindo enquanto conceito, nem se circunscrevendo ao núcleo de ação primordial do evento.

Envolvendo a contaminação por radioisótopos e suas consequências que se prolongam no tempo, as características do caso permitem compreender a relação constituinte entre evento, drama e narrativas, para além das metáforas sobre a perenidade da radioatividade e as transformações oriundas do contágio.

O drama é central na dinâmica do evento radiológico estendendo-lhes os limites, modulando sua intensidade e atualizando-o a cada nova narrativa. O modelo vai sendo composto pelas narrativas e, na medida em que vai se consolidando, oferece os contornos e paradigmas para novas narrativas. O modelo dramático e as

narrativas criam-se mutuamente (VIEIRA, 2014, p. 36).

Após descrever o evento e introduzir as condições nas quais realizou a pesquisa, a autora divide o livro em quatro capítulos, sendo o primeiro deles dedicado a uma discussão de caráter teórico. Para tanto, percorre as variadas denominações relacionadas ao caso, como acidente, catástrofe, desastre, encontrando no conceito de evento crítico uma referência para sua compreensão. Enunciado pela antropóloga indiana Veena Das (1995), o conceito envolve a ruptura provocada pela situação traumática e sua assimilação ao cotidiano das pessoas que a vivenciaram, sendo abordado a partir da perspectiva desses sujeitos.

Analisando as disputas colocadas em torno da categoria vítima, no Capítulo 2, Suzane Vieira expõe como os critérios para sua definição não são unânimes e que, mesmo considerando somente a contagem oficial, o número de vítimas continuou a crescer ao longo dos anos. Se a princípio essa categoria poderia ser restrita aos que apresentaram determinados níveis de radiação logo após a constatação da

abertura da cápsula, posteriormente vários outros agentes passaram a reivindicar sua inserção neste rol, como policiais militares, bombeiros e servidores da Vigilância Sanitária, os quais participaram dos trabalhos de contenção, descontaminação e assistência aos primeiros radioacidentados.

No processo de contestação das definições técnico-científicas e burocráticas, a elucidação do caráter político da categoria vítima guarda estreita relação com a circulação de narrativas, sobretudo as testemunhais. “Os relatos sobre a dor e sobre a experiência traumática agenciados nas narrativas dramáticas conectam as pessoas afetadas e não reconhecidas oficialmente na trama do evento” (VIEIRA, 2014, p. 88).

É possível traçar um paralelo com a noção de memórias subterrâneas presente em Pollak (1989), na medida em que as novas vítimas se contrapõem a um discurso oficial que lhes nega pertencimento à categoria. Todavia, a análise da etnografia não nos permite concluir que as condições político-ideológicas tenham se alterado abruptamente e propiciado a emergência dessas memórias sufocadas, sinalizando

uma gradual inserção dessas vítimas por meio das narrativas.

A circulação de narrativas verificada não se limita aos que se identificam como vítimas do Césio-137, agregando também outros sujeitos ao drama. Assim, apresenta-se no terceiro capítulo uma abordagem baseada na noção de comunidade de sofrimento, para qual a autora busca inspiração na comunidade de aflição do povo Ndembu, relatada por Turner (1972).

Dada a conformação narrativa dessa comunidade de sofrimento, juntando ao drama pesquisadores, jornalistas e artistas que produziram narrativas sobre o caso, faz-se possível sua compreensão a partir dos mecanismos de construção e reconstrução de uma memória coletiva. Dessa forma, destaca-se o papel desempenhado por símbolos identificados por Suzane Vieira, como o radioisótopo Césio-137 e a menina Leide das Neves.

Considerando o conceito de lugar de memória, entendido por Pierre Nora (1997) como “toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do

tempo converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer” (apud GONÇALVES, 2012, p. 34), podemos identificar, na dinâmica dramática descrita pela autora, elementos relacionados a este processo de conversão.

Diagnosticada com contaminação interna aguda e uma das primeiras vítimas fatais do acidente, a menina Leide das Neves é tornada mártir, simbolizando “a relação entre o perigo da energia nuclear e a ingenuidade com que as pessoas o acolheram. O mesmo elemento usado em armas atômicas é inocentemente manipulado por uma menina comum” (VIEIRA, 2014, p. 131). Além de seu túmulo ser ponto de peregrinação, organismos estatais voltados ao atendimento às vítimas e à pesquisa sobre os efeitos da radioatividade foram nomeados em sua referência, como a Fundação Leide das Neves Ferreira (Funleide).

De substância utilizada em equipamentos radioterápicos, o Césio-137 passa não somente a nomear o evento, tornando-se uma referência identitária para as vítimas, ainda que compreendida como um estigma em alguns

casos. Adicionalmente, Suzane Vieira observa o uso recorrente da expressão “tempos do Césio” nas narrativas, analisando no Capítulo 4 como o evento em sua conformação dramática instaura uma temporalidade distinta.

A permanência da radioatividade dos rejeitos gerados e a ininterrupta vigília frente ao aparecimento de doenças que possam ter relação com a exposição à radiação contribuem para a configuração da temporalidade dramática veiculada pelas narrativas. Para a autora, essa temporalidade atualizaria o evento, ligando os acontecimentos de 1987 ao tempo presente. “O drama é concebido como um “tempo outro” que permeia o tempo cotidiano e atravessa o passado, o presente e o futuro” (VIEIRA, 2014, p. 177).

Se a maior parte das narrativas abordadas no texto pode ser considerada como oriunda de fontes secundárias, Suzane Vieira não se furta a analisar a experiência da realização de entrevistas. Inicialmente justificadas pela tentativa de traçar uma genealogia do grupo familiar que perfaz o núcleo basilar do evento, o escopo das entrevistas se ampliou no decorrer da pesquisa.

Os relatos obtidos exemplificam as formas pelas quais as vítimas articulam sua experiência pessoal, a história de suas famílias e o evento crítico. Ao compará-los, a autora identifica modos distintos de relacionar essas dimensões. De um lado, o relato bem concatenado de Odesson Ferreira, membro da família mais atingida pela contaminação e então presidente da Associação de Vítimas do Césio-137, situando o evento, descrito de forma meticulosa, em uma posição culminante na trajetória familiar. De outra parte, a fragmentação da fala de Sueli Silva, entendida como um sinal da dificuldade de organizar a experiência dolorosa do evento, abordado pela entrevistada com um dos diversos infortúnios que vivera.

Diferentemente da constatação de Pollak (1989) a partir de seu estudo junto a mulheres que foram prisioneiras em Auschwitz-Birkenau, não é possível relacionar as dificuldades do relato de Sueli com ausência de engajamento político, uma vez que esta era secretária associação de vítimas à época da entrevista, sendo responsável pela guarda de toda a documenta-

ção da entidade. Para Suzane Vieira, a diferença entre os relatos residiria no fato de Odesson ter se tornado uma das personagens da forma canônica das narrativas, permitindo referenciar sua experiência pessoal em um enredo de ampla circulação.

No prefácio da obra, Maria Suely Kofes apresenta uma indagação acerca da comunidade de sofrimento associada ao evento radiológico. “Cabe então nos perguntar: nos incorporamos

a esta ‘comunidade de sofrimento’ – alargada narrativamente –, ao ler este livro?” (KOFES, 2014, p. 15). A resposta à questão parece ser afirmativa, na medida em que a composição desta resenha representa uma repercussão dos afetos mobilizados pela leitura do texto. Aqueles que se interessam pelos processos de construção de memórias coletivas podem encontrar no livro uma fonte irradiadora de reflexões, se juntando, talvez, a essa comunidade narrativa.

Referências

- DAS, V. *Critical Events: an anthropological perspective on contemporary India*. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- GONÇALVES, J. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. *Historiæ*, Rio Grande, v. 3, n. 3, p. 27-46, 2012.
- KOFES, M.S. Prefácio. In: VIEIRA, Suzane de Alencar. *Césio-137, o drama azul: irradiação em narrativas*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2014. 194p.
- NORA, P. (dir.). *Les lieux de mémoire*. Paris: Quarto Gallimard, 1997. v. 1-3.
- POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- TURNER, V. *Schism and Continuity in an African Society: A study of a Ndembu village life*. Manchester: University Press, 1972 [1957].
- _____. *Dramas, fields, and metaphors: symbolic action in human society*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1974.